

Destaque

À medida que fumo desaparece, descobre-se um novo Funchal. De alto a baixo, há marcas profundas das labaredas. A devastação cobre de tristeza quem perdeu quase tudo e quem precisa de ajuda espera pelas promessas deixadas nas visitas de tantos políticos. Sentem que é hora de começar de novo

ROTEIRO DO FOGO

MIGUEL SILVA
msilva@dnnoticias.pt
RUI SILVA/ASPRESS
(Fotos)

O fumo ainda esconde o manto castanho-cinza que cobre a cidade, mas as pessoas começam a despertar do tormento. Há vidas perdidas, casas destruídas, sonhos desfeitos. Centenas de funchalenses deitam contas à vida, mas alguns ainda não têm noção exacta do que lhes aconteceu. Sem esperança, mostram que é agora a tristeza que comanda a vida.

“A minha sorte foi a pressa dele”. A pressa do fogo, explica-se José Manuel Carvalho. Vive há mais de 30 anos no Caminho das Voltas, acima do Jardim Botânico, numa casa que descansa assustadoramente sobre uma montanha que cai a pique até à Ribeira de João Gomes. O vale está totalmente queimado de um lado e do outro, mas a casa tem apenas alguns estragos. E até os animais sobreviveram todos. “A minha sorte foi a pressa dele”, insiste o homem. E foi.

Apesar de tudo, podia ter sido pior. Este sentimento começa a fazer caminho entre as vítimas do terrível incêndio que atormenta o Funchal desde a tarde de segunda-feira. Se não fossem os bombeiros, se não fossem os vizinhos, se não fossem os polícias, se não fossem os voluntários da Cruz Vermelha, se não fosse a mudança do sentido do vento... Tudo serve para ajudar a explicar a razão da vida depois do inferno dos últimos dias.

O povo habituado a sofrer, a cair e a levantar, prepara-se para começar de novo. E descobre-se que além da sabedoria, também há psicologia popular. “O mundo não acaba. Estamos vivos”, declara António Pimenta, ao lado de uma casa destruída no Caminho da Terça, em São Roque. “Acho que ainda tenho direito a andar mais tempo aqui neste mundo”, comenta Firmina Pereira, que vive ao lado das casas que arderam no Lombo dos Aguires, em Santo António. “Estou feliz. Perdi tudo mas estou vivo, salvei a minha mulher e ajudei outras pessoas”, acrescenta Francisco Gama, um polícia reformado que vive no Monte.

No dia em que a poeira começou a assentar, o DIÁRIO fez a rota do fogo. Dessa viagem por um anfiteatro despidido destacam-se apenas 20 dos muitos pontos da cidade que sentiram o calor das chamas. Há muito por fazer e muita gente que precisa de ajuda. E há a esperança de que tanta promessa junta seja efectivamente eficaz. Sobre tudo, que não seja como no 20 de Fevereiro.



1

Caminho da Cova, em São Roque. Foi aqui que tudo começou. O fogo ateado pelo suspeito já detido rapidamente alastrou. Nas primeiras horas de combate uma oficina improvisada desapareceu e várias casas ficaram em perigo. Um bombeiro desmaiou e precisou de ajuda. Para agravar a situação, das bocas de incêndio não sai um pinga de água. O inferno começou pouco depois.



2

Galeão. João Carlos de Jesus estava a tratar da fazenda quando viu passar o incendiário, como de costume. “Ele dizia que gostava de ver a serra a arder”, recorda. Pouco depois nasciam as primeiras labaredas e já não foi a tempo de salvar grande coisa. Já assistiu a muitos fogos mas, em 56 anos, nunca viu nada assim.



3

Lombo dos Aguires, Santo António. Firmina Pereira entrou em pânico quando se viu rodeada pelo fogo. Não se lembra de nada, não perdeu nada, mas chora pelos vizinhos que perderam tudo.

Vale da Ribeira Grande. A zona industrial sobranceira ao campo do Andorinha ficou negra com o fumo dos tanques de fuel. Os vários armazéns escondem um perigo real.



4



5

Alegria. O vento forte do final da tarde de segunda-feira empurrava as labaredas para cima das casas. As faúlhas voavam incandescentes para o vale da Fundoa. O pior estava para vir.